

# 1(UM) REIDO NO ESCURO!

PÔ MEU,  
JURO QUE NÃO FUI EU,  
FIZ MAIS DE UMA SEMANA  
QUE EU NÃO COMO  
XUCRÚTIS...

EU OUVI O BARULHO  
E SENTI O CHEIRO DE  
REPÔLHO VINDO DO  
SEU LADO!



TSK, TSK...

SEU SAFADO!  
APROVEITOU O  
BLECAUTI...  
SUA MÃE  
NUNCA TE  
ENSINOU, É?

AL DO  
VSP (Nº 2)

EDIÇÃO BOMBARDEADA.

CORTESIA AFP

\$ 5



No ar um cheiro terrível,  
(sem mesmo ter sido este  
Jornal colocado em circu-  
lação na Universidade),  
os olhos lacrimejam e  
as narinas arderam.

Festa do Crusp: cartaz  
provocativo e regado a  
bomba.

Z é um filme atual.

A burocracia Universitária  
(reitor, conselho universi-  
tário...) não tem a ver só  
com a crise de agora, mas  
sim com a deteriorização que  
se vem processando desde 68.  
Tantas questões tratadas em  
meio ao caos que nos rodeia  
- precisamos sair dele.

A verba foi congelada,  
(até parece carne), mas  
cadê ela? Seria melhor  
perguntar elas, pois nem  
verbas nem carne: o restau-  
rante fechado, a moradia  
em trâmite burocrático, o  
hospital universitário em  
coma...

Se ficarmos bêbados resolve-  
remos os problemas? Ou melhor,  
os discutiremos e encaminharemos?

Não sei.

Na USP o que se nota é a falta  
de uma direção unitária, mais  
consequente no encaminhamento  
das lutas.

Há uma clara postura da atual  
Diretoria (todo mundo no DCE) de  
frear e desmobilizar qualquer  
tentativa de mobilização e avan-  
ço concreto na luta. Nesse sentido,  
vide as manobras-enrolações nas  
assembléias, falta de propostas de  
luta (moradia, restaurante central),  
burocratização de todo o movimento.

JORNAL DO CRUSP - nº 2

Comissão de Imprensa

Colaboradores, editores,  
diagramadores, ilustradores,  
datilógrafos, revisores

Roberto -503-

Rosa -503-

Victor -503-

Grego -505-

Luís Preto -507-

Espuny -508-

Taba -508-

Ana -509-

Lenita -509-

Eloisa -510-

Júlio -601-

Cláudia -609-

Marcelino -609-

Sônia -609-

Grupo Feminista 8 de Março

Rauer - CADOPÔ

CEFISMA: nossos agradecimentos

(UMA BANANA  
PRO CARA  
QUE JOGOU  
A BOMBA!)







## CASA DE ESTUDANTES: SOBRETUDO UM MELHOR VIVER

"A atuação da Secretaria deve ser eminentemente de defesa das Casas de Estudantes e de incentivo e apoio político às Comissões Pró-Moradia." (Relatório da 1a. Reunião da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes - 14 e 15 de março de 1980 - São Paulo)

Nos últimos meses a questão acerca da Moradia Estudantil deixou de ser uma simples palavra de ordem, das cartas-programas e discursos, tornou-se de fato um dos móveis de luta no movimento estudantil.

Fruto do trabalho realizado pelas Casas de Estudantes, através de suas Secretarias, das Entidades Livres e Tendências.

Hoje as Secretarias Estaduais e Nacional estão presentes onde este ponto constar da pauta para discussão.

Não é por brincadeira ou promoção pessoal a presença de membros das Secretarias nas reuniões, uma vez que é preciso sermos firmes e claros nesta questão, não se pode postergar, mesmo que a realidade de certos locais seja diferente. Quanto a isto colocamos que, em termos do movimento pela moradia, ou em geral, muito há em comum seja em Campinas, São José dos Campos, Presidente Prudente...

Se o interesse de alguns estudantes e/ou diretorias de entidades ainda não é de se conseguir uma vitória: solução para o problema de moradia, que saiam do caminho, porque não há barreira ou intemperie que nos retenha, agiremos baseados nas deliberações de nossas instâncias de decisão.

Nós, moradores de Casas de Estudantes, nos preocupamos com a política educacional brasileira, com as medidas arbitrárias do governo militar, porque sentimos que não se pode ficar alheio a tudo isso; é parte do nosso cotidiano o debate e o enfrentamento.

Moradia Estudantil não é só local para morar: é vivência.

Sim, vivência, uma das grandes perdas da Universidade, que foi desmantelada, comprimindo e renegando sua função na sociedade...

"O que se condena no ensino é ainda a negação da autonomia, da promoção de uma consciência social e política, da plena e actual realização do jovem, da confiscação da sua liberdade criadora, da sua capacidade de uma imediata intervenção que lhe prepare a intervenção de amanhã — a negação, enfim, de uma instauração na vida, em justiça e verdade." (Vergílio Ferreira - POST-SCRIPTUM SOBRE A REVOLUÇÃO ESTUDANTIL)



**A cor de amor: vermelho solto no espaço**

Cada olhar, conto agora:  
significado pertinente nos modelos kitch,  
cabelos longos são entidades belas,  
cores loucas, beijos longos, ardente tesão  
manifesta em cada ator  
de um novo mundo;  
um novo momento;  
um novo universo incandescente:  
é um calor de colorida intensidade  
à maneira de se viver livre.  
De ver de novo cada imagem  
"em átomos palavra alma cor em gesto  
em cheiro em sombra em luz em som magnífico"  
que se movimenta entre beijos,  
seios, pernas, formas rítmicas de algo azul  
ou de ter anormalidades quentes,  
entre coisas banais e coitos alucinados:  
mordidas perdidas, movida pela rima louca,  
secreção leve-odor de boca,  
calor, paixão, clímax sem ruptura na canção  
que toca aos nossos corpos  
e nos leva a ter juntos  
o canto de orgasmos  
sobre o belo uníssono.  
Onde outros sempre cairão  
nos campos de diferentes tempos  
carrega o peso dos momentos,  
das batalhas nos ombros,  
do odioso amor de açúcar  
a cruel vingança vermelha da noite  
que não se apagará nos tempos alhures.



Foi promovido pela Comissão Cultural do CRUSP, um debate no dia 9 de abril sobre a legalização do aborto, com a participação do grupo Feminista 8 de Março, grupo Nós Mulheres, jornal Companheiro e jornal O Trabalho.

Esta discussão está sendo aprofundada hoje tanto pelos grupos feministas quanto pelos jornais independentes, não tendo ainda um posicionamento frente à legalização.

Anualmente, ocorre uma média de 3.500.000 abortos, dos quais a maioria realizados pelas mulheres da periferia, que não tendo condições financeiras para frequentar as clínicas de aborto procuram as "fazendeiras de anjos" ou se auto provocam com agulhas de tricô, ervas medicinais, etc. Estas condições causam problemas de saúde, levando as vezes à morte.

A ilegalidade do aborto demonstra claramente a opressão que a sociedade brasileira impõe à mulher quando não lhe dá a liberdade e o domínio sobre seu corpo e sua vida, não lhe dando a opção de ter os filhos que quiser ter.

Mesmo as mulheres que têm condições de frequentar as "clínicas especializadas", não têm garantias quanto a problemas posteriores, pois o interesse desses médicos não é a saúde da paciente e sim o lucro que ela lhes dá, não tendo essas mulheres condições de recorrerem à justiça, quando há agravamento, pois, de acordo com a lei, elas próprias são criminosas. A lei proíbe que se tire a vida de um ser humano, esta mesma lei autoriza o aborto quando esta vida vem provocada por um estupro. A maior violência está em se tirar uma vida? Ou deixar que esta vida surja indesejada ou em condições de sobrevivência?

Por outro lado, a legalização do aborto hoje no Brasil implica em Melhores Condições de Saúde. Caso o aborto seja legalizado e continue nas mãos de médicos particulares, as maiores necessidades da



legalização, que são as mulheres da periferia, continuarão sem condições financeiras de praticá-lo. Seria o caso das instituições públicas de saúde fazerem o aborto, porém estas mesmas instituições hoje se encontram sem infra-estrutura necessária, dado a omissão dos órgãos governamentais frente à questão da saúde.

A própria ignorância a respeito da concepção e dos métodos anticoncepcionais existentes, é um dos maiores provocadores do aborto. Pois não tendo acesso aos métodos anticoncepcionais, o aborto que deveria ser o último recurso acaba sendo frequentemente o único.

Ficou claro no debate que a questão da legalização do aborto é polêmica, que hoje se coloca num contexto mais amplo dentro da política governamental de saúde que vai desde a saúde preventiva até o atendimento médico hospitalar.



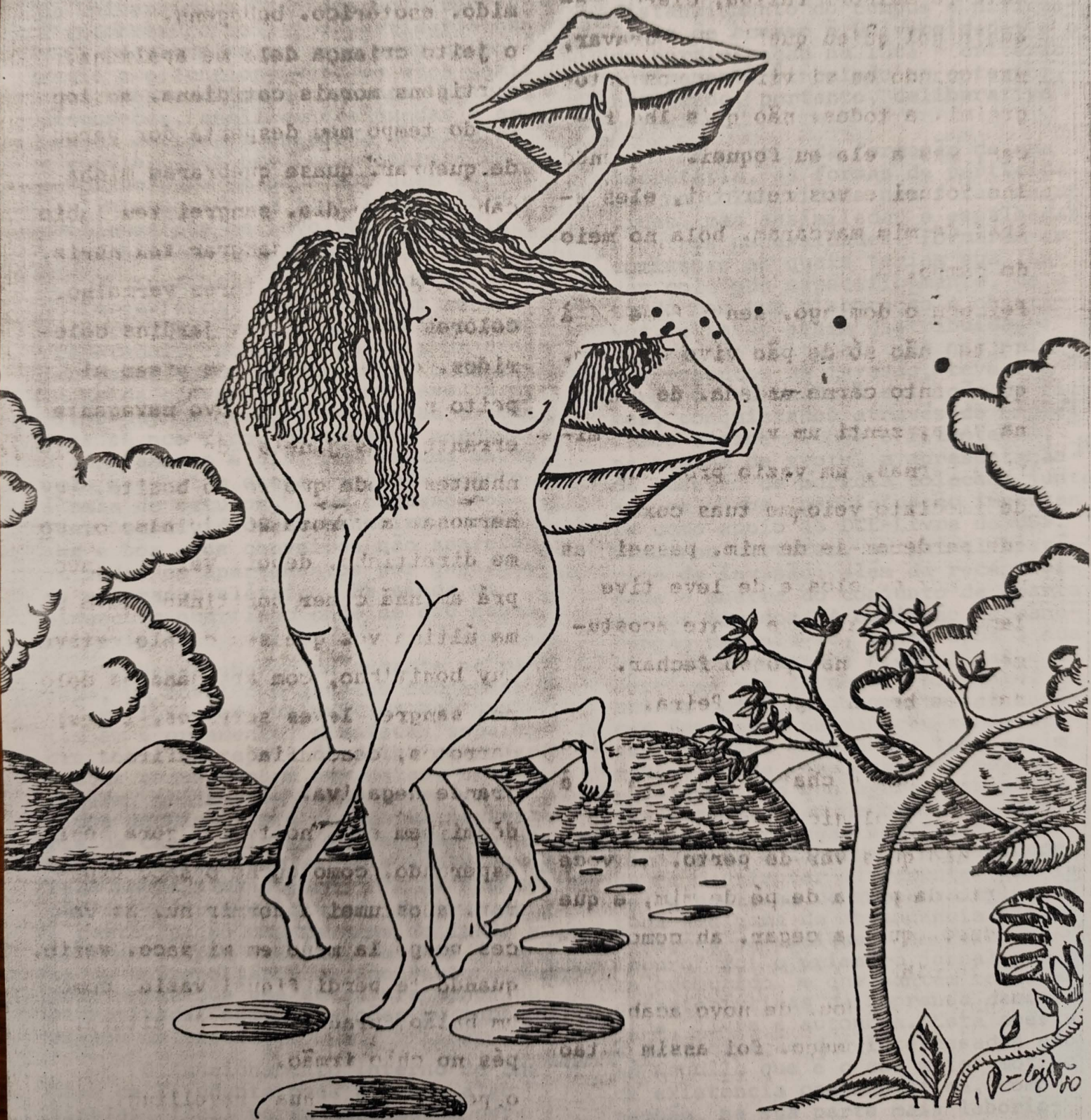
o depoimento do grande poeta mexicano Otávio Paz, fundador da revista LURAL, foi montado a partir de uma entrevista concedida a Elisabeth Pérez Luna para a revista venezuelana IMAGEM.

"Em minha juventude se falava em dois tipos de escritores: os telúricos e os cosmopolitas. Borges era cosmopolita e Neruda era telúrico. Recordo que uma vez Gabriela Mistral leu meus poemas juvenis, moveu tristemente a cabeça e me disse: "Você também é cosmopolita". Enrubeci e senti que padecia de uma enfermidade incurável, uma lepra espiritual. No entanto, devemos a Borges alguns dos textos mais enraizados na realidade hispano-americana. E Neruda é um poeta que tem ignorado a poesia universal. Assim que isso de telúricos e cosmopolitas se referem mais a sensibilidade. Eu diria que se trata de um problema de temperamento: uns são mais intelectuais, outros mais emocionais. Ou melhor: nervosos e musculares. Porém em nossa época até os temperamentos se tingem de ideologia e a palavra cosmopolita se converteu em um insulto. É absurdo: em suas origens foi uma palavra revolucionária. Foi a grande invenção dos estóicos: uma palavra utópica que afirmou a universalidade dos homens. Esses marxistas que denunciam ao cosmopolitismo como uma atitude reacionária esquecem que Marx foi um cosmopolita. Marx não só é o filho da filosofia alemã senão da economia inglesa e do pensamento político francês. Sua vida mesma foi um exemplo de cosmopolitismo. O nacionalismo é uma maneira de ignorar que o mundo não termina em nosso bairro. Os intelectuais não devem se preocupar tanto pela propriedade e distribuição das matérias primas como pela propriedade e distribuição de sua matéria cinza. A idéia de que existem culturas "subdesenvolvidas" é um disparate. No campo da economia, a técnica é até certo ponto, também o da ciência, pode falar-se de desenvolvimento e progresso. Não no campo da arte e da literatura. Tampouco no da filosofia e da religião. Ainda menos na arte de viver e morrer. Não há progresso no domínio do erotismo e nem no da cozinha. Tampouco há ante a grande realidade: a morte. Nós não somos mais felizes que os homens do século XV, nem eles eram mais felizes do que os primitivos. Há um pequeno poema pigmeu — os pigmeus são muito "atrasados": uma sociedade sem escrita — pelo qual dou muitos poemas barrocos e socialistas. É um poema funebre que compara a morte de um homem com a dos animais e das plantas: as árvores e as flores secam-se e os animais morrem porém todos os seres vivos os únicos que sabem com absoluta certeza que vão morrer são os homens. Esse é o tema do poema: o homem é o único ser que sabe que vai morrer, e o único que faz poema com esse saber. O único que que sua morte. O poema pigmeu prova que, no fundamental (e a questão fundamental é essa: a morte) não há progresso. Isso não tem nada que ver com matérias primas nem com a tecnologia nem com o desenvolvimento. Se queremos falar de "progresso", há que dizer que o século XX é um século em que a idéia e o sentimento de culpa e suas manifestações — o masoquismo, o sadismo, a perseguição e a confissão de crimes quase sempre imaginários — fizeram imensos progressos. Batemos todos os recordes. Mesmo os do Império Romano e os da Inquisição Católica. E talvez uma das razões é esta: no passado o Homem podia transferir seus sentimentos de culpabilidade ao sagrado, a Deus ou ao Diabo, à Virgem de Guadalupe ou ao santo da esquina. Desde a desapareição da dimensão divina, o Homem teve que transferir seu sentimento de culpa ao vizinho que é judeu, negro, trotskista, burguês, comunista... A culpa era teológica; agora é ideológica. As idéias tornaram-se ideologias são o alimento intelectual de juizes e verdugos disfarçados em teólogos revolucionários. Porém as obras de arte vivem um nível mais profundo que o das ideologias e ainda que o das idéias. Não é fácil que os leitores de Dante nos expliquem as idéias do poeta. E que importa? O que conta é a visão de Dante, sua imagem do mundo e do homem, não suas opiniões. Não há que ter ilusões: a literatura não muda a sociedade. Porém sim mostra as possibilidades e alternativas de transformação de uma sociedade. Os escritores que, como Sartre, disseram que sentem vergonha de serem intelectuais, abdicaram. Ademais, sua vergonha é paradoxal já que para declarar que renunciavam a sua função de escritores em benefício de uma atividade revolucionária... Escrevem um livro ou um ensaio. São gramofones com remordimentos. No século XVII a Espanha se aparta da corrente central do Ocidente e no século XVIII nossa cultura torna-se marginal. O século XVII deu grandes poetas e escritores, porém no século XVIII que foi o século crítico, o século que preparou a modernidade, não tivemos nenhum



Ant nenhum Voltaire nenhum Hume. No século XX voltamos a ter uma grande literatura entretanto não temos um pensamento crítico teórico que possa comparar-se com as obras de nossos poetas e romancistas. Claro, houve e há exceções; de repente, aparece um bom ensaísta na Espanha ou na Argentina. O que não tivemos é um movimento de pensamento crítico. Se a modernidade é crítica, nós não somos modernos. Há uma relação entre pobreza de nossa crítica filosófica, política e moral e o fracasso das instituições democráticas na América Latina. Uma das causas de nossa contínua oscilação entre anarquia e a ditadura - ou como dizia Aristóteles: entre a demagogia e a tirania - é a ausência de uma verdadeira tradição crítica. E o panorama é horrendo. Não sou otimista. A transformação, para que seja realmente transformação, deve fundar-se na prática da democracia. Ali onde não há base democrática, as transformações são ilusórias e não tardam em transformar-se em tirania do tipo burocrático. Muitos intelectuais latino-americanos - o fenômeno é universal e se dá em todas as partes - quiseram livrar-se do sentimento de culpabilidade refugiando-se em ideologias totalitárias. A política se converteu para eles não em uma atividade crítica senão em um sistema pseudo religioso. Para curar-se dessa enfermidade do espírito, os intelectuais latino-americanos deveriam exercer as duas faculdades que os define como escritores e intelectuais. A primeira é o pensamento crítico, a honradez crítica, o rigor crítico. A segunda é a imaginação. A liberdade de nosso mundo se chama crítica e imaginação. E os modelos de desenvolvimento que nos oferece o século XX fracassaram, tanto o modelo capitalista como o modelo soviético. Em consequência há que buscar outros. Isso é o que não fizeram e o que nem sequer intentaram os intelectuais latino-americanos. Nos faltaram o rigor crítico e nos faltaram a imaginação política. Plural é uma revista de dissidentes e solitários. Não nos une uma ideologia senão uma atitude. Somos um grupo de escritores e nos reunimos porque não estamos de acordo nem com os slogans do governo nem com os dos partidos. É uma revista mexicana porém também é uma revista latino-americana. Qualquer revista de língua espanhola - publique-se no México, Caracas ou Buenos Aires - deve reunir os hispano-americanos os espanhóis e os brasileiros e portugueses. Já disse que a pátria de um escritor é sua língua. Eu me sinto compatriota de todos os latino-americanos pela linguagem e pela tradição. Faz alguns anos nos Estados Unidos, conheci Borges e conversei com ele. Me falou de literatura argentina porém eu lhe respondi que não havia literatura argentina ou mexicana senão literatura hispano-americana. Se falamos do modernismo, por exemplo, não o podemos reduzir a um país, nem podemos dizer que Dario era um poeta nicaraguense, ou que Lugones era um poeta argentino. Uma dupla fidelidade: há que ser de seu bairro e de seu mundo. O mal é que há cada vez menos bairros e cada vez menos mundo. O deserto cresce... Voltando PLURAL: insistimos na relação com Espanha porque estamos nas vésperas de um renascimento intelectual e político nesse país. Lá já existem bases sociais da democracia: uma classe média e um proletariado. O drama da Espanha, como da Espanomérica, foi o fracasso de suas tentativas de modernização. Carlos III fracassou no século XVIII e os republicanos no século XIX e no século XX. Agora somos testemunhas de uma nova tentativa..... A história moderna de nossos povos é a história de nossos projetos de modernizações. Esse foi o sentido das guerras de Independência, do positivismo do século XIX, do nascimento e a obsessão pelo desenvolvimento no século XX. Essa foi também a idéia dos marxistas. Naturalmente haverá que perguntar-se se, nessas alturas da história, quando a modernidade está em crise, é ainda possível sonhar com a modernização da Espanhamérica e da Espanha. Talvez haverá que inventar outro modelo de modernidade. Encontrar - daí a dupla função da crítica e da imaginação -, a modernidade que nos corresponde e que não conseguimos definir. Nossos poetas e romancistas nos deram uma visão do mundo. Uma visão do mundo Espanoamericano e uma visão Espanoamericana do mundo. O que nos falta é que nossos pensadores políticos nos dêem algo equivalente: uma visão social e política que integre nossa tradição e na qual possamos nos reconhecer."







## É impossível morar no CRUSP?

Não é difícil ver um grupo de estudantes de algumas escolas da USP em um dos apartamentos por eles invadido, no bloco A do conjunto residencial. Discutem questões gerais desde as mais diretamente ligadas à crise da Universidade, os desenvolvimentos e redobras da política partidária na USP, passando pelos problemas da moradia e o funcionamento de suas comissões. Neste clima de intensas buscas, discussões, análises das quedas e avanços de toda a esquerda brasileira e mundial, vez por outra aparece um tempinho para um papo com quem estiver interessado na familiarização dos problemas que os envolve: a moradia estudantil.

Numa bela e ensolarada tarde de terça-feira, nos dirigimos ao apartamento 609 - um dos mais ativos e movimentados, sempre disposto a um desses papos, dado às dimensões e desenlaces da conversa esta nos levou à orbitas cuja sequência de idéias e imagens se nos ficou claramente marcada. O apartamento é dividido em uma ampla sala que, além dessa função é quarto e sala de estudos, e um pequeno conjunto subdividido em banheiro, cozinha e box - os chuveiros não aparecem em todos os apartamentos por questões de segurança elétrica. Há ainda um minúsculo quartinho onde se deu nossa entrevista.

Nesse quarto de estante na parede, um móvel com gavetas acopladas em seu interior, um prático baú que também é ornamento, almofadas espalhadas sobre um tapete de palha cearense e duas camas. Sobre uma delas, uma moradora, professora de primeiro grau, aluna da História e membro da Secretaria da Casa, fala do funcionamento de uma das várias comissões e Sônia esclarece sobre a manutenção: "a participação em equipes de divisão de trabalho e participação nas tarefas do CRUSP é diferente, por exemplo, da CUSP - Carapina da Universitária de São Paulo - pois possuímos uma estrutura menos burocratizada, sem imposições ou compromissos de tarefas".

O funcionamento interno de uma Casa de Estudante pode parecer algo simples, fácil porém implica em certas preocupações essenciais. Duas semanas após a invasão começaram a ser realizadas reuniões diárias para discutir a questão de organização interna. Foi formada uma comissão de mora-

dores que seriam os responsáveis pela formação da Secretaria do CRUSP. Suas funções básicas se reportam à seleção e escolha dos futuros moradores, fundamentada em critérios seletivos assim deliberados: o sócio-econômico incluindo neste, questões como os de localização residencial, distanciamento do campus e dificuldades de acesso à Universidade; e o de participação na luta - critério intimamente vinculado ao anterior, não sendo, portanto, deliberativo por si só.

A partir da formação de uma Secretaria, as formas de participação na coletividade não foram esboçadas, mas assimiladas e espalhadas a outras necessidades. Formaram-se comissões as quais teriam sua função colocada especificamente, de acordo com sua elaboração e objetivos, e estão assim distribuídas: a comissão cultural, que nos primeiros momentos da invasão, teve sua força direcionada à exibição de filmes, conquistados através de empréstimos a cine-clubes e filmotecas; na semana de trote, a apresentação da questão de moradia colocada junto aos calouros, participação importante como apoio ao DCE-Livre da USP. Elaborou cartazes, um painel histórico da invasão, além da receptividade e mostra do conjunto de apartamentos tomados. A comissão de manutenção definiu-se, mesmo após a sua atuação - questões hidráulicas e elétricas - e formação, portanto, em outras condições; somente seu caráter funcional permaneceu sendo ativado e a sua existência tem, assim, o sentido de resolução dos mesmos problemas, só que agora totalmente dinamizada. Além de cartazes, murais, faixas, a produção escrita é muito importante e adquire a necessidade de se manifestar livremente. Por isso, a comissão de imprensa aglutina toda uma gama de abrangência e elaborações periódicas. "Um Peido no Escuro" foi o primeiro jornal por ela produzido, e que mantém todas as características da imprensa democrática, livre e autônoma. Está aberta à participação dos interessados não só naquilo que é o seu maior motivo de existência contendeústica, como também, na sua parte mais laboriosa: a elaboração das matérias.

Além da parte de elaboração intelectual, a qual se movimenta na superestrutura da comunidade cruspiana, os estudantes invasores se de-



frontam com diversos tipos de problemas. O elevador está totalmente fora de condições normais de uso, sem que nenhuma providência seja adotada por parte da Prefeitura Universitária; o sistema de coleta de lixo não funciona periodicamente, isto é, o acúmulo se dá, às vezes, monstruosa, incomensurável. A alimentação surge, com o recente fechamento do restaurante central, problemática e não se dá de maneira regular, sendo que a maioria dos estudantes que lá moram, trabalham um ou mais períodos por dia e estudam, também, em vários casos, em mais de um período.

Algumas questões parecem e aparecem diluídas nas relações entre os moradores do bloco A do CRUSP. Como cabeças que pensam de forma tão diferente podem andar juntas? A coexistência desses indivíduos se funde numa espécie de reprodução da estrutura familiar burguesa? É um centro de vivência capaz de colocar criticamente os problemas da sociedade civil brasileira ao mesmo tempo em que se constitui numa forma de viver marginal a ela?

Sobre a questão dos moradores do CRUSP, que, por ser muito heterogêneo, cheio de propostas e concepções diversas de uma mesma realidade sócio-política e econômica, para alguns indivíduos mais distantes dela pode vir aparecer um antro de promiscuidade e difamação alienante dos problemas mais gerais de toda a Universidade. Muitos críticos cegos e céticos dirigem uma série muito grande de inverdades e afirmações caluniosas àqueles que diretamente se preocupam com a moradia estudantil. A conquista importante desse espaço, todo o processo que culminou com a tomada definitiva, as discussões que são travadas no ambiente vivencial implica numa luta resoluta e permanente também a esses órgãos patrulheiros e grupos mentirosos. Roberto, aluno do departamento de Filosofia, participante ativo dessa luta e membro da Secretaria, fala sobre a convivência hoje: "o CRUSP engloba um razoável número de alunos de cada escola e a quantidade de discussões aqui travadas são mais abrangentes que as das salas de aula ou mesmo as levadas nos centros acadêmicos."

A situação não se dá assim tão fácil, mordericamente. Aqueles que acreditam ser o CRUSP um centro de promiscuidade, de alienação aos restantes dos problemas enfrentados, de condições irreais de modo de viver, pode cair aqui numa análise cuja visão não passará além de um ponto de vista mediano, encarado de maneira pouco séria, distante da vivência universitária



ESPUNY (80)

*Luis Preto*



sunday, sabor monday

imagino estar declarando, mas...  
pensei ser a segunda feira, pior  
do que está sendo. talvez pelo do-  
mingo, que pensei seria mal, mas  
saiu-se melhor. faltou, claro, a-  
quele gol qu'eu queria fotografar,  
mas quando os vi virei e vos foto-  
grafei. a todos. não quis lhe fo-  
car, mas a ela eu foquei. quando  
lhe foquei e vos retratei, eles a-  
trás de mim marcaram. bola no meio  
do campo.

foi bom o domingo. senti fome à  
noite. não só de pão vive o homem.  
quis tanto carne assada. de noite  
na cama, senti um vazio entre mi-  
nhas pernas, um vazio profundo e  
de imediato veio-me tuas coxas,  
que perderam-se de mim. passei as  
mãos nos cabelos e de leve tive  
lembranças. a dor a gente acostu-  
ma. os olhos não posso fechar.  
saiu-me bem a segunda feira.  
chato é esperar. confirmei. aquilo  
no saco não é chato. mas coça à  
beça. psicológico disse um amigo  
que não quis ver de perto. você  
perto da porta de pé de mim, é que  
é duro. queria cegar. ah como que-  
ro te olhar.

dinheiro acabou. de novo acabando.  
não sei o começo. foi assim tão

rápido. é assim tão zaz. às vezes  
quero te matar. ou então de noite,  
no vazio de minhas dores (coxas),  
invadir-te cheio de amor. é proibi-  
do rimar. melhor junto do que mal  
sozinho acompanhado. acanhado. tí-  
mido. esotérico. bobagens.

o jeito criança dela me apaixona.  
vertigens morais cotidiana. ao lon-  
go do tempo meu desperta dor parou  
de quebrar. quase quebraram minha  
cabeça outro dia. sangrei teu lábio  
e às vezes quero sangrar teu nariz.  
sangro de sangue cores vermelho.  
cores verde de meus jardins colo-  
ridos. dores de ontem pisam mi  
peito sangrante. de novo navegante  
errante, das janelas de buses cami-  
nhantes. vede que rosto bonita. muy  
hermosa. a garota 264 do almoço, co-  
me direitinho, depois vai ao banco  
prá amanhã comer bonitinho. teve u-  
ma última vez que seu cabelo estava  
muy bonitinho, com artesanatos colo-  
res sangue. leves sorrisos, leves,  
marrotos, desconfiados, afirmativos.  
grande negativa.

dormi bem esta noite. e agora estô  
esperando. como enche o saco espe-  
rar. acostumei a dormir nu. as ve-  
ces pongo la mano em mi saco. vazio.  
quando te perdi fiquei vazio como  
um balão furado que perde altura.  
pés no chão irmão.

o pessoal continua travelling.

12



**fragmento: os últimos dias na terra**  
**os últimos dias na terra**  
**dominam o meu pensamento**  
**a minha filosofia**  
**dirige-se para a morte**  
**como toda filosofia**

**No país dos cogumelos**  
**brilham mais de mil sóis**  
**as bruxas morreram**  
**os marcianos não existem mais**  
**(a superfície de marte é árida**  
**demais para os olhos sensíveis**  
**dos terráqueos)...)**  
**No país pequeno de lilliput**  
**brilham estrelas porque é noite**  
**os últimos estão acontecendo**  
**ai será travada a última batalha**

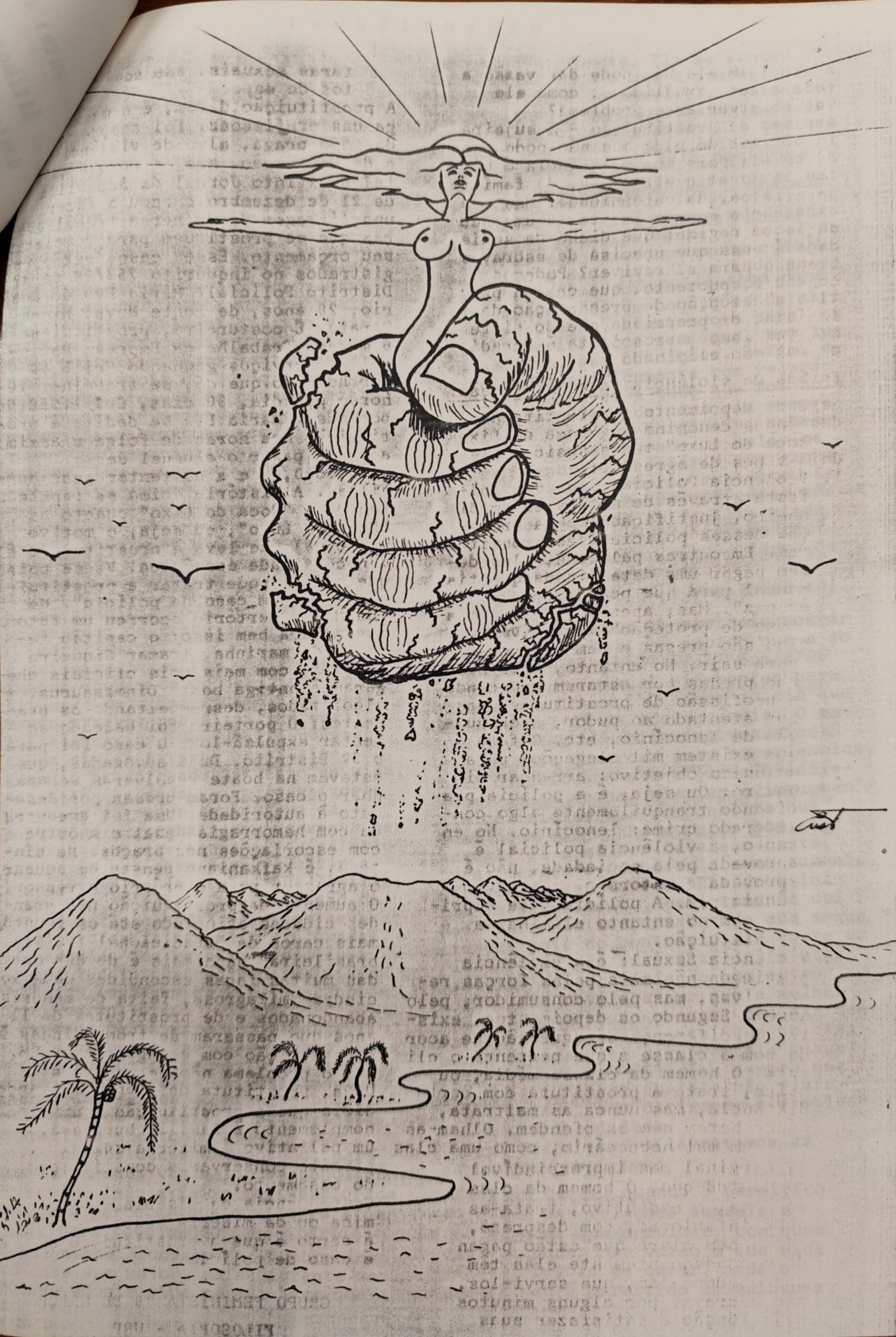
**o brilho é negro**  
**negra é a voz**  
**que canta o blue**  
**o óbvio é sempre negro**  
**é o espaço eterno**  
**entre uma fatalidade e outra**  
**(todas negras também)**

**deixa estar**  
**deixa estar**  
**q'a emoção é tempo**  
**é tempo de deixar ficar**  
**as folhas começam a cair**  
**os últimos dias estão próximos**  
**e as damas passeiam sob o sol**  
**sempre foi assim**  
**elas sempre tomaram chá**  
**e souberam ser tranquilas...**

### **ONONOLOGIA**

**ines a morta**  
**elisabeth a lésbica**  
**catarina a grande**  
**maria a louca**  
**vitória a feia**  
**quem já morreu de amores por algumas delas?**







com quem ele não pode dar vazão a da a sua sexualidade, como ele ai resolver este problema? Através da prostituição - a sujeira inevitável da vida que não pode ser destruída pois sua existência é pilar da moral capitalista, da família, da herança, da paternidade. Mas sua existência é ao mesmo tempo uma acusação ao regime: que diabo de sociedade é essa que precisa de escravas brancas para sobreviver? Podemos concluir, portanto, que cabe à prostituta a função de preservação da família, da propriedade e do sistema. Por isso a prostituta é agredida mas não eliminada.

#### Formas de violência na prostituição:

Segundo depoimento de prostitutas das zonas denominadas "Boca do Lixo" e "Boca do Luxo" temos basicamente dois tipos de agressão:

1. Violência Policial: que se manifesta através de extorções em dinheiro, justificadas pela proteção desses policiais às prostitutas. Em outras palavras, elas devem pagar uma determinada quantia mensal para que possam "trabalhar em paz". Mas, apesar de pagarem a "taxa de proteção" muitas vezes elas são presas e têm que pagar para sair. No entanto, elas nunca são presas por estarem exercendo a profissão de prostitutas, mas por atentado ao pudor, averiguação de lenocínio, etc. O fato é que existem mil alegações para um único objetivo: arrancar dinheiro. Ou seja, é a polícia praticando tranquilamente algo considerado crime: lenocínio. No entanto, a violência policial é aprovada pela sociedade, não é aprovada a extorsão, mas a violência sim. A polícia deve reprimir sem no entanto eliminar a prostituição.
2. Violência Sexual: é a violência praticada não mais pelas forças repressivas, mas pelo consumidor, pelo homem. Segundo os depoimentos, existe uma diferença de agressão de acordo com a classe a que pertence o cliente. O homem da classe média, ou baixa, trata a prostituta com certa distância, mas nunca as maltrata, nunca batem nem as ofendem. Olham-as como um mal necessário, como uma classe marginal mas imprescindível ao status-quo. O homem da classe alta, o executivo, trata-as como inferiores, com desprezo, deixa bem claro que estão pagando e consequentemente elas têm que obedecê-las, que servi-las, são escravas por alguns minutos cuja função é satisfazer suas

taras sexuais, são seus "depósitos de esperma".

A prostituição, dizem, é a mais antiga das profissões. Foi sempre tratada como praga, alvo de violência e de repressão. Mas, e porque existe? O extinto Jornal da República de 21 de dezembro chegou a fazer uma listagem de mulheres trabalhadoras que se prostituem para completar seu orçamento. Esses casos estão registrados no inquérito 753/79 do 3º Distrito Policial. Maria Eva do Rosário, 20 anos, de Ponte Nova, Minas Gerais. É costureira, prostitui-se a 6 meses. Trabalha na Empresa Nacional de Serviços ganhando Cr\$ 6,50 por hora (o que dá, se trabalhar 10 horas por dia, 30 dias, Cr\$ 1.950,00 por mês). Maria Eva se dedica à prostituição nas horas de folga e assim ajuda a pagar o aluguel de Cr\$ 5.500,00 e a sustentar suas duas filhas. A história acima se repete tanto na "Boca do Lixo" quanto na "Boca do Luxo", ou seja, o motivo principal que leva à prostituição é a necessidade econômica. Vê-se pois que não se pode tratar a prostituição como "um caso de polícia". Na rua Major Sertório ocorreu um fato que mostra bem isso: o capitão tenente da marinha, Iramar Siqueira Pereira, com mais dois oficiais chegaram à antiga boate Dinossaurus, 14 alcoolizados, desrespeitando os presentes. O porteiro foi baleado ao tentar expulsá-los. O caso foi para o 3º Distrito. Duas advogadas, que estavam na boate resolveram acompanhar o caso. Foram presas por desacato à autoridade. Uma foi encontrada com hemorragia nasal e a outra com escoriações nos braços. Na síntese, é kafkaniano pensar em acusar o agressor para o próprio agressor. O aumento da prostituição nas grandes cidades atingindo até os redutos mais caros da "tradicional família brasileira" nada mais é do que outra das muitas faces escondidas duma sociedade milagrosa, feita de menores abandonados e de prostitutas de 11 anos que passaram de trombadinhas à prostituição com estágio na FEBEM. Mas o problema não se esgota aí. UPPa, prostituta de Lion, na França, dizia que a prostituição é um complemento à família burguesa, um paliativo à miséria sexual permite conservar a constituição do casamento. Consequência da miséria econômica ou da miséria sexual, o que é certo é que a prostituição não é caso de polícia.



SEXTA FEIRA ÀS 00:30 H.  
ESTOURA  
BOMBA DE GÁS NA FESTA  
DA CIÊNCIAS SOCIAIS  
QUE TIPO DE "SEGURANÇA" É ESTA ?

Nos finais de semana é uma dificuldade para qualquer estudante da USP entrar no campus. Sob a alegação de acabar com os rachas, o que seria facilmente resolvido com obstáculos na pista, os policiais montaram um aparato ostensivo impedindo a entrada dos moradores do CRUSP, que só depois de muito choro conseguem entrar, e mesmo aqueles que por razões de festas, shows, debates e atividades do ME tenham que entrar no campus. Isto sem contar quando sofrem a humilhação de serem revistados "para melhor segurança do campus".

Se este policiamento todo vem para "proteger" o campus dos rachas e crimes que aqui ocorrem, o que aconteceu com os policiais que estavam na entrada do campus pouco antes do estouro de uma bomba na festa de sexta-feira na Ciências Sociais e que "desapareceram" na hora em que foram procurá-los para localizar os responsáveis pelo atentado, e que meia hora mais tarde voltaram para novamente retomar a "proteção" do campus.

O estranho é que a polícia tem ficado nos finais de semana (sexta, sábado e domingo) das 21:00 às 3:00 h ininterruptas barrando a entrada do campus, fiscalizando todos que entram e saem, resolveu tomar um cafézinho justamente no intervalo de tempo em que ocorreu o atentado à festa.

Que "proteção" é esta que desaparece nas horas necessárias?

Vale ressaltar ainda que o aparato repressivo não se contenta apenas com isto. Na 2a.f.

(14/4), cinco policiais flagram dois garotos tentando levar o tape de um carro e, ao invés de levá-los para o distrito e assim "agir dentro da lei", levou-os para dentro do Defobi (laboratório de fotografias do biênio da Poli), na presença de estudantes que lá estavam e com o apoio de suas armas intimidaram os garotos ameaçando de os levar para o pau-de-arara.

Que "proteção" é esta que ao invés de "agir dentro da lei", age por conta própria ameaçando com a tortura os infratores?

É preciso dar um basta a esta inconcebível situação.

O problema dos rachas pode ser rapidamente solucionado com a utilização de obstáculos na pista que impediriam tal prática vandalista desses ociosos playboys noturnos como também limitaria os excessos de velocidade de alguns estudantes desnaturados da USP e dos próprios ônibus da CMTc.

Para o problema da criminalidade, visto que sua solução só se dará com uma efetiva transformação da sociedade em bases em que deixem de existir a exploração e a opressão, é evidente a necessidade de um mínimo de policiamento que deveria se dar, de preferência, a partir de órgãos de segurança da Universidade, órgãos estes controlados diretamente pelo conjunto da comunidade universitária.

MORADORES DO CRUSP



AS ÚLTIMAS

COM LULA, OU  
SEM LULA, A  
GREVE CONTINUA

A Ditadura joga alto, prende Lula, acena com a Lei de Segurança Nacional, proíbe manifestações e reprime duramente.

A vitória da greve do ABC se coloca como objetivo, não só dos metalúrgicos, mas sim de todos nós, comprometidos com o movimento operário popular.

A Ditadura tem consciência disso e joga seu jogo.

Nesse momento o apoio à arrecadação de fundos, não se esqueça de trazer seu quilinho de alimento (arroz, feijão, leite em pó, etc.) e muito menos vender bônus, é fundamental, é isso, em última análise, que definirá a possibilidade de vitória.

Mas não se esqueça que nosso apoio vem, também, na divulgação do ato de quinta-feira na Sé às 18 h.

Portanto:

TUDO APOIO À LUTA DOS COMPANHEIROS DO ABC!

TODA FORÇA À ARRECADAÇÃO DE FUNDOS!

TODOS AO ATO PÚBLICO!

PELO FIM DA OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO!

DIA NACIONAL DE LUTA

MORADIA ESTUDANTIL

DIA 29/04

ATO PÚBLICO - 16:00 h - EM FRENTE AO MEC

ATENÇÃO: PERIGO !!

Dias atrás, surgiu entre os blocos D e F, perto das colméias da Letras, uma placa: "Banespa: Futuras instalações". Isto é, enquanto existem várias áreas disponíveis para a construção de uma nova agência, opta-se exatamente por uma das poucas áreas livres e arborizadas de lazer para os estudantes da Letras e moradores do CRUSP.

É vital entendermos que esta luta atinge toda a comunidade universitária, pois o que está sendo vilipendiado é nossa autonomia sobre o campus, o nosso direito a áreas de lazer e vivência. E não por acaso o espaço escolhido para burocracia vai exatamente em oposto aos nossos anseios de retomar todos os blocos a seus reais designos, isto é, MORADIA ESTUDANTIL.

Portanto conclamamos todos e, através de nossa entidade o DCE Livre da USP, garantir este espaço.

POR ÁREAS VERDES E ESPAÇO DE LAZER!  
PELA AUTONOMIA SOBRE O CAMPUS!

ATO PÚBLICO - APOIO À GREVE ABC  
18:00h - PÇA SE - SAÍDA DO LGO  
SÃO FRANCISCO 17:00h

5ª feira - 24/4